

# Considerações acerca da crise política do Partido dos Trabalhadores

*Maria Izabel Lagoa\**

**Resumo:**

Análise crítica da atual situação política do Partido dos Trabalhadores, buscando reexaminar suas origens e seu desenvolvimento político para compreender o significado das recentes acusações de corrupção no governo petista.

A presente crise que assola o Partido dos Trabalhadores coloca como fundamental a análise do seu verdadeiro significado. Afinal ao longo dos seus 25 anos de história o PT cresceu e se desenvolveu tornando-se o principal partido de esquerda do Brasil e até da América Latina. Assim, quando em 2002 o PT consegue a sua primeira vitória nas eleições presidenciais, alcançando um total de 64% dos votos, uma porcentagem sem precedentes na história do país, pela primeira vez não apenas no Brasil, mas em toda a América um operário é eleito presidente da república. Tudo isso nos leva a reconhecer a enorme importância significativa da vitória petista não apenas no Brasil, mas no mundo, visto que apesar de não pertencer a uma esquerda comunista se insere num mais amplo leque da esquerda trabalhista.

Diante disso, compreender o verdadeiro caráter da crise do partido significa antes analisar a totalidade do processo histórico pelo qual este passou até chegar neste momento em que a conquista da presidência do país é atribulada por denúncias de corrupção.

A trajetória histórica do PT é excepcional. O partido surge e se desenvolve no cenário político brasileiro justamente no momento em que o movimento operário internacional encontra-se em um forte refluxo.

As greves do ABC paulista das quais o PT emerge terão um profundo significado na organização partidária. Esse movimento grevista que se inicia no final dos anos 70 coloca no centro da política nacional os trabalhadores, fazendo ressaltar o aspecto qualitativo do novo proletariado que se conforma a partir dos anos 60 (Berbel,1991). Essa classe operária que se constitui no ABC paulista surge justamente em uma região de maior tecnologia de ponta no país, o que possibilita a eclosão das greves nessa região. Todavia apesar dessa característica proporcionar a esse operariado uma maior consciência de sua condição social, ela é ao mesmo tempo resultado de um período político em que o socialismo é afastado de qualquer discussão devido à repressão política (Mazzeo, 1999; Reis Filho, 1990; Ridenti, 1993). Este aspecto é fundamental para compreendermos que

---

\* Doutoranda em Ciências Sociais pela PUC-SP e pesquisadora do NEILS.

apesar de ser uma classe operária que avança porque retira o movimento operário brasileiro de sua letargia, é também uma classe operária sem cultura socialista ou comunista e mesmo até sem cultura política (Oliveira, 1986). Além disso, essas greves foram resultado da espontaneidade do operariado, uma vez que apesar de na época o sindicato estar estreitando os laços com a base, ele não participou na preparação nem na deflagração do movimento.<sup>1</sup> Não existiu uma direção consciente das greves, mas ao contrário, elas foram dirigidas “pela dura realidade do cotidiano do operário” (Antunes, 1992). Assim com a falta de uma direção consciente, a greve teve sua teleologia calcada na intuição e espontaneidade das massas, e não em uma prévia ideação resultada de uma análise profunda da realidade. Dessa forma as greves serão muito marcadas por um antagonismo entre os operários e os patrões isolados, se atendo ao aspecto fenomênico da realidade e, portanto não expressam a consciência da totalidade do real, estruturada a partir da contradição entre capital e trabalho.

Quando o partido surge no cenário político brasileiro ele se torna um grande pólo aglutinador de militantes de esquerda que buscavam uma nova forma de atuar politicamente<sup>2</sup>. A maior parte era formada de sindicalistas, além de parte do movimento da Igreja, parte dos “autênticos” do MDB e parte da esquerda clandestina<sup>3</sup>. Conjuntamente com o grupo de sindicalistas – que possuíam uma escassa formação política – que impulsionavam o caráter espontaneísta do movimento, as correntes social-democratas de esquerda, as organizações armadas e principalmente os militantes católicos também viriam a corroborar com o espontaneísmo do partido. Os diferentes intelectuais e militantes com experiência política e cultural socialista anterior rejeitavam a história política do operariado precedente (principalmente o PCB), pois acreditam que até então a esquerda não tivera suficiente presença de trabalhadores para merecer o caráter de partido da classe operária.<sup>4</sup> Além disso, os próprios setores dos movimentos sociais que aderem ao PT carecem, ao seu modo, de uma cultura política socialista. Dessa forma a hegemonia construída no partido se estruturou em torno de uma grande rejeição ao conceito de vanguarda; rejeição esta, própria de uma

---

<sup>1</sup> Como afirma Celso Frederico: “Os operários limitaram-se a cruzar os braços diante das máquinas e permaneceram nessa posição silenciosa de recusa e rebeldia” (Frederico, 1991: 14)

<sup>2</sup> Nesse momento o PCB seguia sua linha política estabelecida pela Declaração de Março de 1958 que defendia a formação de uma frente ampla que englobasse setores de diversos da sociedade, que garantisse o enfraquecimento do regime e desse sustentação para a transição e subsidiasse o regime democrático (Mazzeo, 1999).

<sup>3</sup> Ação Popular (AP), Ala Vermelha, MEP, Convergência Socialista, Democracia Socialista, Organização Socialista Internacionalista (OSI), Libelu, POR-T, PCBR, ANL. Muitas dessas organizações surgiram de rachas do PCB. A respeito das diversas organizações e suas adesões ao PT ver Berbel (1991) e Ozai (sem data).

<sup>4</sup> Como o Oliveira salienta essa negação reflete na verdade o desconhecimento da história do PCB, que apesar de seus diversos erros táticos e estratégicos apresentou em diversos momentos um caráter obreirista (Oliveira, 1986).

cultura política que nega a mediação teleológica como instrumento privilegiado de ação na realidade.

Nos primeiros anos de existência – a década de 80 – o programa político-petista, ainda encontra-se muito permeado pelas características das greves do ABC paulista. Nesse sentido, o programa do partido neste período adquiriu um grande teor de confrontismo imediato frente ao aparato estatal, característico destas greves. Além disso, em grande parte este programa caracterizou-se por enfatizar constantemente a característica de novidade do partido em relação aos demais que ocupavam o espaço na esquerda sublinhando principalmente a ruptura realizada pelo partido com as elaborações teóricas essenciais do PCB<sup>5</sup>. O que fica evidente nestes programas políticos é a dificuldade do partido manter uma unidade política frente a sua constituição heterogênea, além de preservar o seu caráter espontaneísta que o impede de realizar uma análise mais mediatizada da realidade. Dessa maneira o partido fica preso a elaborações políticas genéricas, próprias da sua heterogeneidade e imaturidade, e assim se torna incapaz de criar as bases para um projeto estratégico.

No momento em que o PT emerge da insatisfação dos trabalhadores do movimento sindical e outros movimentos sociais, ele surge como a possibilidade de superar as contradições que a esquerda brasileira carregara até então. Se podemos dizer que existe uma novidade<sup>6</sup> no surgimento do PT, esta consiste em ser o partido fortemente vinculado aos movimentos sociais em um período em que o movimento operário internacional entra em refluxo. Todavia esta novidade não se apresenta como a solução para as diversas questões que a esquerda brasileira enfrentou e o PT enfrenta. De fato, essa novidade somente proporciona ao PT a possibilidade da superação destas questões e a sua conformação como um partido efetivamente da classe operária que vise à construção de sua hegemonia político cultural, enquanto potencial, um “vir a ser”.

Entretanto no transcorrer dos anos 80, período de sua conformação enquanto partido, esse potencial é soterrado pelo mesmo fator que proporcionou seu surgimento, o espontaneísmo das massas<sup>7</sup>. Tal

---

<sup>5</sup> Como podemos ver nas resoluções do 1º Encontro Nacional (1981:107): “O partido dos Trabalhadores é uma inovação histórica neste país. É uma inovação na vida política e na história da esquerda brasileira também. É um partido que nasce do impulso dos movimentos de massa, que nasce das greves e das lutas populares em todo o Brasil, é um partido que nasce da consciência que os trabalhadores conquistaram após muitas décadas de servirem de massa de manobra dos políticos da burguesia e de terem ouvido cantilenas de pretensos partidos de vanguarda da classe operária”.

<sup>6</sup> O PT afirma-se como uma novidade na história da esquerda Brasileira, basta ver as *Resoluções do 1º Encontro Nacional de 1981*, assim como autores Azevedo (1995); Gadotti (1989); Kcek (1991); Meneguello (1989). Tais afirmações estabelecem tal novidade no vínculo operário do partido. Nesse sentido concordamos com Francisco de Oliveira (1986). Neste artigo, Oliveira nega esse caráter, pois os que o defendem não levam em consideração as demais organizações de esquerda que estabeleceram tal vínculo ainda que mais tarde se desligassem.

<sup>7</sup> Quanto ao caráter espontaneísta que o PT absorve do movimento das massas ver Antunes (1992), Chasin (1980) e Frederico (1991).

espontaneísmo não permitiu que o partido superasse o imediatismo de suas análises, impedindo que se realizasse uma profunda análise histórica da realidade brasileira e conseqüentemente a elaboração de um projeto político consistente capaz de elevar a consciência política do movimento social e conduzir o processo e a construção de uma hegemonia operária forte o suficiente para polarizar com a hegemonia burguesa.<sup>8</sup> Ao contrário, ao estabelecer que seu programa se formulasse exclusivamente através do movimento espontâneo das massas, o PT, vinculado a movimentos sociais desprovidos de grande politização, ficou incapaz de elaborar um programa político consistente. Somado a isto, o partido na ânsia de exorcizar o passado cai na tentação de desconsiderá-lo mesmos em seus aspectos positivos. Essa combinação levará ao PT a reviver dilemas históricos da esquerda brasileira e mundial.

O PT não consegue superar o dilema entre ser um partido que atua exclusivamente no plano eleitoral e ser um partido militante, ou seja, entre manter um discurso revolucionário e uma prática institucional. Na medida em que o sucesso eleitoral do partido aumenta, cresce a máquina partidária reforçando a burocratização do partido. Por outro lado esse crescimento revela a contradição entre manter um conteúdo programático classista e a necessidade de ampliar a base eleitoral através de um abrandamento do conteúdo programático para torná-lo mais abrangente. Na prática isto pode ser notado na sensível queda no número de núcleos de base e, principalmente, no fato de os sobreviventes apresentarem uma dinâmica interna muito diferente do que costumava ser nos primeiros anos do PT, pois a maioria atuava apenas em épocas eleitorais – inclusive escolha de delegados para as instâncias de decisão do partido (Marossi, 2000). Assim podemos dizer que o PT aproxima-se do dilema que Przeworski aborda ao analisar os partidos social-democratas:

“Os líderes de partidos baseados na classe operária devem escolher entre um partido homogêneo em termos e apelo a uma classe, porém condenados a eterna derrota eleitoral, ou um partido que luta pelo sucesso eleitoral às custas de uma diluição de sua orientação de classe” (Przeworski, 1989:125)

Tais problemas jamais encontram soluções simples. São dilemas que as forças de esquerda enfrentaram e enfrentarão ao longo de sua luta. Daí a importância de um profundo debate teórico. Todavia, mergulhado no espontaneísmo que levava a uma ojeriza a teoria, o PT foi incapaz de se preparar politicamente para enfrentar tais questões e se tornou vulnerável a cometer os mesmo erros da esquerda em geral.

---

<sup>8</sup> Como ressalta Silva (1996:147) em sua análise a respeito da política de formação do PT, o partido teve dificuldades de instituir-se como “partido educador”. Sua ação política interna e a relação com a sociedade não foi organizada suficientemente com intencionalidade educativa, apesar de seus propósitos de transformação social basearem-se na participação. (...) Além disso, as atividades de formação política atingiram proporcionalmente ao total um número pequeno de militantes e, ainda de forma descontínua em termos de conteúdos e de participantes.

A burocratização do partido, agravada pela ampliação da importância dos mandatos parlamentares com suas estruturas de assessorias próprias e conseqüente autonomização em relação as instâncias de direção partidária, será motivo de conflito interno na medida em que algumas tendências apontam esse aumento da institucionalização como contraditório com a tradição petista de ser expressão das lutas sociais.

Na senda do aumento do papel institucional do partido, apesar de manter uma retórica socialista, muito mais para o público interno, prevalece a opção por um programa político nitidamente de reformas. Sem dúvida, numa sociedade como a nossa, até mesmo as reformas se revestem de uma certa radicalidade. Todavia, ao privilegiar o caminho eleitoral, omite a pequena margem de reformas que o capital admite e principalmente nega a possibilidade de transformação revolucionária da sociedade. Desta forma o partido fracassa ao tentar compatibilizar sua função institucional com a exigência de se constituir como partido estratégico, socialista, dirigente e militante. Ao contrário, acaba transformando a luta pela construção da hegemonia da classe trabalhadora em uma luta pelo governo.

No decorrer da década de 80 e 90 o PT cada vez mais foi conquistando vitórias em eleições municipais e estaduais e ampliando sua inserção na sociedade até os setores da classe média. Conforme o partido crescia tornava-se necessário um aprofundamento de seu programa político, até então muito genérico. A partir do I Congresso do partido em 1991, seu programa político começa a amadurecer, distanciando-se de meras enunciações genéricas. Nesse momento o partido tem de enfrentar o estopim da crise do socialismo real e o processo de revisões que se inicia sobre a teoria marxista. No decorrer da década de 90 o partido absorverá os vícios do taticismo e do politicismo<sup>9</sup>, privilegiando a luta parlamentar e um discurso societário global. Nesta nova postura política do partido suas determinações de classe e de revolução socialista quando não desaparecem do seu programa são utilizados como mera retórica. De modo que ao fim dos anos 90 o PT já se encontra prisioneiro do jogo eleitoral. Assim, preso a uma análise imediato-taticista que não lhe permite pensar além da ordem burguesa, acaba privilegiando seu campo de alianças aos movimentos sociais, ou seja, retira do movimento social a sua característica fundamental de agente da ação transferido-a para o partido.

O que fica evidente na evolução do discurso petista nos anos 90 é que o ato de administrar levou o partido a negociar, a modificar a sua orientação e a assumir uma postura mais pragmática no sentido de conquistar postos na institucionalidade burguesa. Os militantes envolvidos na administração incorporaram uma “ética da responsabilidade, em substituição ao

---

<sup>9</sup> Entendemos taticismo como uma política que sobrepõe a tática sobre a estratégia do partido, no caso do PT as lutas institucionais, as eleições, se tornariam mais importantes que o objetivo até então principal, ou seja incentivar as lutas dos movimentos sociais.

principismo da ética da convicção”. Nesse processo as posições anti-estatistas foram sendo substituídas por uma posição mais afeita à institucionalidade e à negociação política. Esta prática fortaleceu “o poder de pressão do aparato institucional-parlamentar condicionando cada vez mais a atuação partidária” (Ozaí, s/d: 100-101) Todavia essa exaltação à luta no âmbito parlamentar teve como consequência um alargamento dos limites de classe as quais o partido representa. Esse processo que já podia ser percebido ao longo dos anos 80 adquiriu nos anos 90 a sua plenitude quando o partido já não mais se dirige aos trabalhadores, mas sim ao “povo”, à “nação”, termos que, neste momento já se apresentam desprovidos de qualquer noção de conflito de classes. No lugar de construir uma hegemonia de classe, o partido se esforça agora por ser o catalisador de um “novo pacto” entre as diferentes classes sociais. Mais uma vez o PT se mostra vulnerável aos erros cometidos no passado pela esquerda mundial. A análise de Przeworski em relação a social-democracia ressalta o mesmo dilema:

“À medida que a identificação com a classe diminui, os partidos socialistas vão perdendo sua atração exclusiva para o operariado. Os social-democratas já não são qualitativamente diferentes de outros partidos: a lealdade de classe não mais constitui a base mais sólida de auto-identificação” (Przeworski,1989:43)

Ao limitar toda a luta do partido à conquista do executivo, o partido acaba reduzindo seus esforços à busca de credibilidade no caso de um eventual governo petista. Essa busca de credibilidade, típica dos governos que dentro do neoliberalismo procuram manter “calmo” o mercado de capitais, levou a um abrandamento do discurso político do partido, que a todo o momento ressalta o seu total respeito às regras democráticas estabelecidas. Tal luta pelo governo a todo custo é típico de um partido que não possui qualquer tipo de projeto estratégico. Um partido que ao longo de sua existência foi marcado pela dificuldade, dada pela sua própria constituição heterogênea, de desenvolver um conteúdo teórico consistente, e tornou-se, portanto incapaz de apreender a essência do processo histórico, e acabou perdendo-se nos meandros fenomênicos e fugazes. Como consequência dessa falta de compreensão do mundo, o partido tornou-se incapaz de elaborar um programa político que calcado em uma análise concreta da realidade estabelecesse as tarefas políticas necessárias frente aos problemas nacionais. Marcado por uma ação política pragmática, o partido adota um discurso conciliatório, onde o antagonismo entre o capital e o trabalho é reduzido a meras diferenças conjunturais, cabendo ao partido lutar por uma melhor relação entre eles.

Uma vez o âmbito da institucionalidade exacerbado e a luta de classes dissolvida, o partido se afasta do espontaneísmo característico da sua relação com os movimentos sociais, não para elevá-los a um novo patamar de consciência, mas sim para subordiná-los as lutas concernentes aos interesses

do partido: cargos parlamentares. Preso à luta parlamentar, acaba abandonando a real fonte de seu poder, os movimentos de massas, e com isso desloca o eixo da luta da centralidade do trabalho para a centralidade da política.<sup>10</sup>

Quando em 2002 o partido pela primeira vez ganha as eleições presidenciais, as inúmeras concessões programáticas se mostram claramente. Um pouco antes, a primeira delas já deixou claro o sentido que o programa petista tomaria. Foi a aliança do partido com setores do centro e até mesmo da direita, como vimos na escolha de José de Alencar, do PL, para o cargo de vice-presidente. Além disso, procurou satisfazer os interesses do capital e seus representantes enfatizando que a economia seguiria um rumo muito semelhante ao do governo anterior e cumpriria rigorosamente os contratos com o FMI, dando continuidade a política de superávit primário.

Uma vez Lula estando eleito, o governo sabia que qualquer tentativa de desvio da política econômica neoliberal levaria o mercado financeiro a provocar uma retração na entrada de capitais voláteis, desvalorizando o real e aumentando a inflação. Diante disso ao formarem o governo, Lula e seus conselheiros econômicos, principalmente Antonio Palocci, procuraram conceder os principais cargos a políticos bem conceituados pelo mercado financeiro, como a nomeação de Henrique Meirelles, senador do PSDB e ex-diretor do Bank Boston, para a presidência do Banco Central.

No decorrer dos anos de seu governo, o PT deixou claro que sua proposta política, econômica e social nem de longe estava perto de uma proposta real de alternativa a ordem do capital. Ao contrário, muitas vezes se colocava em oposição aos interesses da classe trabalhadora, como podemos ver nas propostas da reforma da previdência, na reforma sindical e na reforma trabalhista. A única alternativa que propunha era uma administração mais humana do capital que se preocupasse mais com o aspecto social. Não é a toa que o grande projeto do governo seja o “Fome Zero”.

Todavia, apesar de ter se esforçado ao máximo pela tranquilidade política e econômica em seu governo, o PT, a partir de 2004 foi atingido pela primeira de inúmeras acusações de corrupção envolvendo importantes políticos de seu partido. A primeira delas foi a acusação de pagamento de propina por empresários de bingos a Waldomiro Diniz, assessor de José Dirceu, então ministro da Casa Civil. No decorrer de 2005 a situação se agravou profundamente, com as acusações de corrupção nos correios e

---

<sup>10</sup> Apesar de existirem dentro do partido tendências mais à esquerda, elas não conseguiram impedir as mudanças propostas pelas tendências majoritárias, Articulação na Luta e Democracia Radical, que compõem a ala mais à direita. Por vezes a esquerda conseguiu maior número de delegados eleitos e até mesmo a maioria no diretório nacional, como em 1993. Todavia, as tendências de esquerda dentro do partido, incapazes de ir além de meras enunciações de princípios gerais, jamais se constituíram num bloco homogêneo capaz de enfrentar o avanço da ala mais à direita do partido, que, apesar de dividida em várias tendências, conseguiu manter sua unidade de propostas e assim compor o núcleo dirigente. A respeito ver Lacerda (2002).

principalmente as denúncias de compra de votos de deputados, o chamado “mensalão”, além das dificuldades em explicar a origem dos financiamentos das campanhas eleitorais. Até agora as acusações já atingiram o alto escalão do partido, levando à renúncia de José Dirceu, Antonio Palocci e de Luis Gushiken dos ministérios, à de Genoíno da presidência do partido, o afastamento do tesoureiro Delúbio Soares e a desfiliação de Silvio Pereira então secretário geral do PT Nacional. A cada dia o número de acusações envolvendo políticos do PT e grandes quantidades de dinheiro cresce. Apesar de Lula negar qualquer envolvimento, torna-se cada vez mais difícil impedir que tais denúncias não o atinjam.

O fato de um partido da “esquerda democrática” chegar ao governo e logo após ser acusado de crimes de corrupção não é característica singular do Brasil e do PT. Partidos de esquerda que trilharam o mesmo caminho petista de privilegiar a esfera institucional em detrimento dos movimentos sociais e, nos anos 80, chegaram ao governo de diversos países como França, Espanha e Itália. Logo após, nos anos 90, sofreram inúmeras denúncias de corrupção (Anderson, 1996).

Na Itália, o PSI (partido socialista italiano), que governou nos anos 80, teve inúmeros de seus políticos acusados de envolvimento em pequenas formas de extorsão. Bettino Craxi, figura política central do partido, teve vários de seus parentes e pessoas próximas presas, mas negava qualquer envolvimento, alegando ser vítima de uma conspiração. Todavia em 1993, aceitou a derrota e renunciou à liderança do PSI. A avalanche de acusações de corrupção pelas quais o PSI foi indiciado ficou conhecida como “*tangentopoli*”, levando os socialistas a serem o principal alvo da repulsa popular (Anderson, 1996).

Após governar de 1988-1993, iniciou-se uma série de escândalos envolvendo o PS (partido socialista) da França. Mitterand, então presidente, foi acusado de privilegiar amigos em negociações. Além disso, surgiram diversas acusações contra os socialistas por arrecadação fraudulenta de fundos para campanha eleitoral, em geral entrega de notas fiscais falsas, prestações de contas fictícias, sendo o dinheiro repassado para o partido<sup>11</sup>. A imagem pública do partido foi muito atingida, levando o partido a perder metade do seu apoio, enquanto a direita, em uma campanha unida, conquistou o governo com maioria de quase 80% na assembléia (Anderson, 1996).

Na Espanha, após anos no governo, o PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol) foi acusado de corrupção por financiamento ilegal do partido por grupos empresariais interessados. As acusações se aprofundaram quando o irmão de Afonso Guerra, vice-presidente, Juan Guerra obteve facilidades duvidosas em Sevilha. Na primavera de 1994 dois

---

<sup>11</sup> Pierre Bérégovoy, primeiro-ministro, após ter sido questionado sobre sua finança pessoal, suicidou-se no dia do trabalho.

do mais importantes funcionários do governo, os dirigentes do Banco Central e da Guarda Civil, foram acusados de enriquecimento ilícito. Nas eleições seguintes, o direitoista José Maria Aznar, do partido popular (PP), ganhou as eleições. Em 2004, o PSOE, com José Luis Zapatero, chegou novamente ao governo, ainda que muito mais por rejeição ao PP do que por simpatia pelo PSOE (Anderson, 1996).

A grande semelhança entre esses diversos partidos e sua trajetória histórica é que todos desenvolveram uma linha programática muito moderada para ganharem as eleições, chegando até mesmo a fazer concessões à direita uma vez no governo, quando, principalmente, foram atingidos por inúmeras acusações de corrupção.

A proximidade com a trajetória histórico-política do PT é notável. Mas isto não quer dizer, como muitos afirmam, que o PT de repente sofreu uma inversão a direita. Na verdade os sintomas já podiam ser percebidos ao longo das dificuldades encontradas pelo partido em sua trajetória política. A institucionalização e burocratização do partido, a falta de um projeto estratégico e o conseqüente favorecimento de uma ação taticista politicista pavimentaram o caminho para a prática da corrupção. A exacerbação do politicismo colocou os interesses parlamentares acima de qualquer compromisso social, e a prática da corrupção se tornou o caminho mais fácil.

A grande questão que se coloca atualmente é como a esquerda brasileira responderá a tais eventos. Deve ser combatida a idéia de que prática da corrupção política é inerente a natureza humana e que não existem diferenças entre direita e esquerda, especialmente a esquerda revolucionária. Deve-se ressaltar que não existe fatalismo na condição humana que nos condene a corrupção. Se o PT chegou hoje a tal situação, isso se deve a forma como o partido lidou com os dilemas da esquerda. Após 25 anos apresentando-se como uma nova esquerda, o PT mostrou ser muito parecido com a velha, absorvendo todos os seus vícios, todavia sem as suas qualidades. O caminho trilhado pelo PT reforça a necessidade de intensos debates teóricos a respeito dos dilemas do passado e do presente da esquerda mundial, pois, na medida que se agravam as contradições do sistema e a miséria humana, se torna fundamental a necessidade de construção de uma organização política de vanguarda com unidade de ação e centro na classe operária, que resgate o projeto socialista como pensamento estratégico para a transformação radical do sistema do capital.

### **Bibliografia**

- ANDERSON, P. (1996). *Um mapa da esquerda na Europa ocidental*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- ANTUNES, R. (1992). *A rebeldia do trabalho: O confronto operário no ABC*. Campinas: Ensaio/Unicamp.

- AZEVEDO, C. B. (1995). *A estrela partida ao meio: ambigüidades do pensamento petista*. São Paulo: Entrelinhas.
- BERBEL.M. (1980). *Partido dos Trabalhadores: tradição e ruptura na esquerda brasileira (1978-1980)*. São Paulo: USP. Dissertação de Mestrado em História.
- CHASIN, J. (1980). As máquinas param: germina a democracia. *Ensaio*, nº 7.
- FREDERICO, C. (1991) *A esquerda e o movimento operário 1964-1984: a reconstrução*. Vol 3. Belo Horizonte: Oficina de livros.
- GADOTTI, M.; OTAVIANO, P (1989). *Pra que PT: origem, projeto e consolidação do Partido dos Trabalhadores*. São Paulo: Cortez.
- LACERDA, A. D. F. de (2002). The Brazilian Workers' Party (PT) and the Party Unity Issue. *Dados*. [online], vol.45, no.1.
- KCEK, M (1991). *A lógica da diferença: o Partido dos trabalhadores na construção da democracia brasileira*. São Paulo: Atica.
- MAROSI, T. (2000). *Utopia e realidade: os núcleos de base do partido dos trabalhador na cidade de São Paulo nos anos 80*. Dissertação de Mestrado PUC-SP.
- MAZZEO, Antônio Carlos (1999). *Sinfonia Inacabada: política dos comunistas no Brasil*. São Paulo: Boitempo.
- MENEGUELLO, R(1989). *PT: A Formação de um partido*.Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- OLIVEIRA, F. (1986). Qual é a do PT. In: *E agora PT?: caráter e identidade*. São Paulo: Brasiliense.
- OZAÍ, A.(s/d). *História das tendências no Brasil*.São Paulo: Proposta.
- PZERWORSKI, A. (1989). *O capitalismo e a social-democracia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- REIS FILHO, D. A. (1990). *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo: Brasiliense.
- RIDENTI, M. (1993). *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Unesp.

#### **Documentos**

- DIRETÓRIO NACIONAL DO PT (org). (1989). *II Congresso Nacional do PT*. Belo Horizonte, 24 a 28 de novembro.
- \_\_\_\_\_. (1998). *Partido dos Trabalhadores: Resoluções de Encontros e Congressos 1979-1998*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- \_\_\_\_\_. (2001). *Resoluções do XII Encontro Nacional do PT*. Recife, 14,15 e 16 de dezembro.